

# ATELIÊ NÔMADE

## Habitar um território existencial na Ponta do Coral – o saber ancestral e a Poética da Relação

*NOMADIC ATELIER:  
Inhabiting an Existential Territory  
at Ponta do Coral – Ancestral Knowledge and the  
Poetics of Relationship*

**Evandro Fiorin<sup>1</sup>, Luana Porfirio da Luz<sup>2</sup>,  
Mikaele Caroline Barbosa da Silva<sup>3</sup> e Raquel Santos Salines<sup>4</sup>**

### Resumo

Este artigo apresenta a Ponta do Coral, em Florianópolis, um dos últimos remanescentes geográficos da antiga Baía Norte, marcada por um histórico de aterros e de transformações urbanas. A península preserva características de santuário natural e, ainda, abriga pescadores artesanais, mas já teve usos industriais e institucionais. Hoje, é alvo de disputa de interesses privados e movimentos de ativismo comunitário que defendem seu uso público. O trabalho, realizado no âmbito de um ateliê de projeto nômade, tem como objetivo habitar um território existencial para entrever os saberes ancestrais pela Poética da Relação. Essa experiência destaca a pesca artesanal, a influência das marés, as histórias de pescador e os ranchos de pesca do lugar, como algumas expressões de: hibridação, singularidade, vivência das humanidades e densidade das existências. A partir dessa ideia metodológica apresenta como os resultados desse processo: alguns registros verbais e não-verbais buscando, então, uma cognição do espaço, de modo a incluir os Outros.

Palavras-Chave: projeto; habitar; território.

### Abstract

*This paper presents Ponta do Coral, in Florianópolis, one of the last geographical remnants of the former Baía Norte, marked by a history of landfills and urban transformations. The peninsula preserves characteristics of a natural sanctuary and still shelters artisanal fishermen, but it has also had industrial and institutional uses. Today, it is the focus of disputes between private interests and community activism movements advocating for its public use. The work, carried out within the scope of a nomadic design studio, its objective inhabiting an existential territory to glimpse ancestral knowledge through the Poetics of Relation. This experience highlights artisanal fishing, the influence of the tides, fishermen's stories, and local fishing shacks as expressions*

1 Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo / Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

2 Aluna de Graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

3 Aluna de Graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

4 Aluna de Graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

*of hybridity, singularity, lived humanities, and the density of existences. Based on this methodological idea presents, as results of this process, verbal and non-verbal records seeking, therefore, a cognition of space in a way that includes the Others.*  
*Keywords: project; inhabiting; territory.*

### Introdução

Tendo ao final, e apesar de tantos impossíveis, abordado a Relação e aceitado pressentir seu trabalho, precisamos agora desindividualizá-la como sistema, alargá-la ao amontoado brotante de sua mera energia, encontrando-nos aí com outros.

Desindividualizar a Relação é levar a teoria à vivência das humanidades, em suas singularidades. É voltar às opacidades, fecundas de todas as exceções, movidas em todos os afastamentos, e que vivem para se envolver não projetos, mas a densidade refletida das existências (Glissant, 2021, p. 211).

Este artigo reconstrói passos de uma estratégia de ensino-aprendizagem realizada em uma disciplina de projeto do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo em vista a importância de habitar um território existencial para sua compreensão. Logo, tem como o objetivo a análise dos métodos pedagógicos adotados num ateliê de projeto. Busca dar ênfase ao trabalho realizado por um grupo de estudantes na área da Ponta do Coral, na Ilha de Santa Catarina e, em suas múltiplas camadas de interpretação, poder revelar uma cultura do espaço, sobretudo, alguns saberes ancestrais.<sup>5</sup>

A Ponta do Coral é um dos últimos resquícios geográficos do que foi a Baía Norte de Florianópolis, no passado. Hoje em dia, o centro da cidade está no território insular e é configurado por aterros que deram origem às pistas de rolagem de alta velocidade que possibilitaram a consolidação urbana da capital catarinense. Nesse contexto, a península em questão, ainda se configura como santuário natural, além de acolher pescadores de diferentes ranchos de pesca artesanal, mas, já serviu como local para galpões de um depósito de combustível, Abrigo de Menores e território provisional. Atualmente se conforma pela proeminência de um vazio, que já fora disputado pelo poder público e adquirido pela iniciativa privada, sob o pretexto da construção de um hotel de luxo. Em detrimento desse embate, se configura como um sítio emblemático para a realidade urbana florianopolitana, porque abriga usos diversos, descortinando uma paisagem deslumbrante para o usufruto da população, como defendem ativistas e àqueles que habitam as circunvizinhanças.

É parte dos propósitos do ateliê nômade de projeto, ir a campo e dar relevo para as diferenças que conformam o lugar em que vivemos. Atualmente, sabemos dos graves riscos que as mudanças climáticas podem ocasionar com uma elevação do nível dos oceanos. Hoje em dia, temos um consequente aumento de dejetos lançados ao mar (inclusive plásticos), em áreas próximas às comunidades que subsistem do pescado. E, também, há um incremento da especulação imobiliária, bem como, do interesse em grandes empreendimentos muito próximos às regiões vulneráveis. Além disso, existe o crescente aumento do turismo de massa, dentre outras agendas não listadas aqui.

5 Neste artigo, optamos por tratar o processo de concepção, sem que demonstrássemos os resultados projetuais finais para estas comunidades costeiras. Isto porque, foram notadamente singelos, tais como: reparos nos ranchos, bancos para vislumbrar a paisagem e adequação de velhos trapiches. Assim, se desenvolveram mais pelos desejos dos habitantes e, menos, pela imposição dos estudantes.



Figura 1 - Desenhos: Florianópolis, Baía Norte, Ponta do Coral. Fonte: Salines, 2025.



Portanto, essas razões nos impõem novas demandas projetuais.

Muitas dessas questões justificam a temática das paisagens costeiras, como pontos de fulcral interesse para algumas das abordagens disciplinares que fazemos no caso florianopolitano. Nesse sentido, a nossa sala de aula ganha espaço e se abre como um oceano, quando adentra a Ponta do Coral. Sendo assim, a pesca artesanal, a influência das marés, as histórias de pescador e os ranchos de pesca são, para nós, confluências que se enriquecem pelo contato: hibridações; singularidades; vivência das humanidades; e densidade existencial. No engajamento do ateliê nômade com uma poética da relação, os registros infográficos ilustram uma prática do caminhar aliada às linguagens verbais e não-verbais, que buscam captar as experiências no lugar, para uma cognição do espaço que possa incluir os Outros.

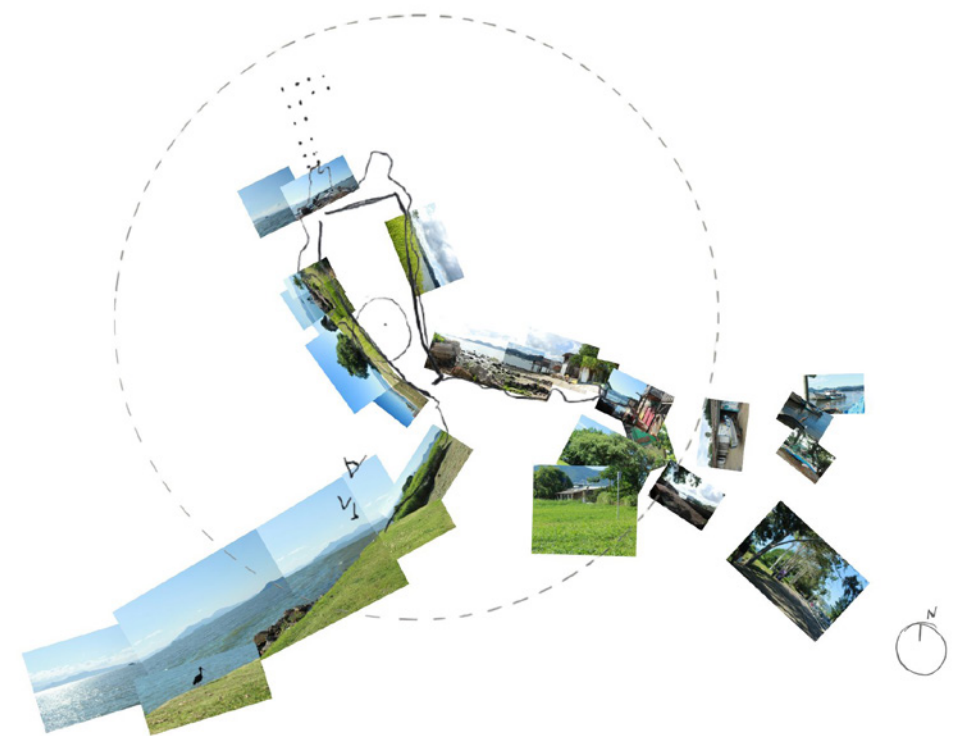
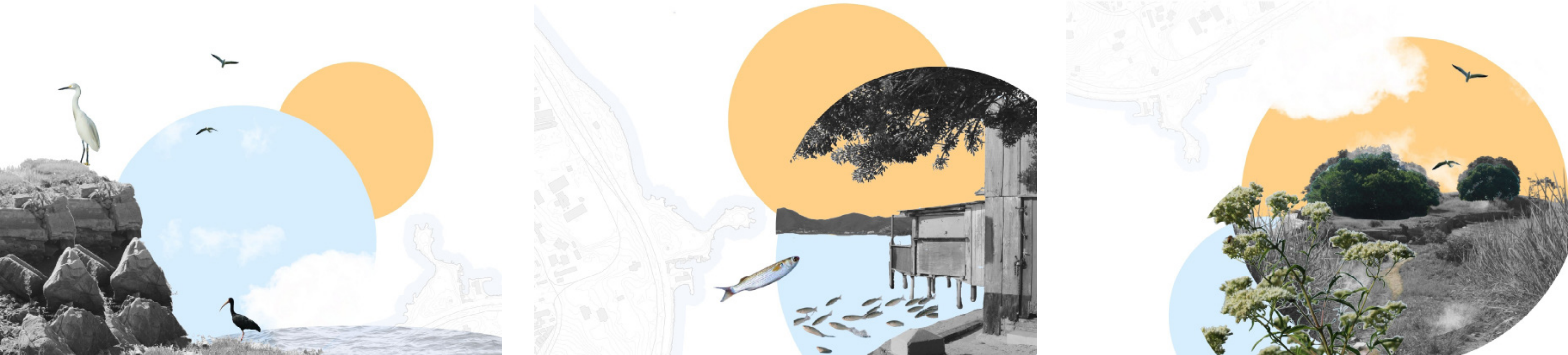


Figura 2 - Cartograma: A Península da Ponta do Coral (Luz; Silva 2025).

### O Ateliê Nômade e a Poética da Relação

A origem latina da palavra projeto, *proiectum*, significa: lançar para a frente. Nesse sentido, podemos observar que a atividade projetual, no seu bojo conceitual, é uma maneira de enfrentar o desconhecido — o tempo ainda não vivido. No entanto, na modernidade, o projeto se torna instrumento racional de controle: o ato projetivo se transforma em um modo de antecipar o futuro, como um saber que exerce um domínio por meio do cálculo, da técnica e da forma. Essa racionalidade do projeto está associada ao surgimento da arquitetura na era da máquina, ao progresso como única possibilidade para a redenção da humanidade e, sobretudo, à colonização do espaço e do tempo. Projetar nesse contexto seria, então, uma tentativa de esquivar-se do fracasso, do atraso e do destino (Argan, 2001).





Entretanto, o destino, diferentemente do projeto, não se escolhe nem se calcula: ele inexoravelmente acontece e ganha os seus contornos na imprevisibilidade dos usos cotidianos das diferentes pessoas. De tal sorte, as qualidades intrínsecas ao lugar, não vão se revelar de antemão, nem podem ser antecipadamente programadas. Uma pedagogia de projeto que precisa ser superada é, portanto, aquela que está baseada nas imagens que são facilmente detectáveis pelo senso comum, reduzidas a valores já estabelecidos pelo momento contemporâneo, discriminadas apenas nos princípios da visualidade (Ferrara, 2002).

Ao contrário, nosso viés pedagógico endossa um sentido processual que, em lugar da definição de um programa, protocolos determinados ou códigos de conduta, busca abrir caminho para a importância de um exercício libertário de sair a campo. Lançar-se em um território para, então, desvelar uma territorialidade por um olhar atento para as suas singularidades. Uma prática que concerne, justamente: habitar o território de maneira existencial; ou seja, engajando-se nele, se permitindo fazer parte dos seus meandros, encontrando, escutando e atravessando; enfim, experimentando-o por meio da própria experiência (Alvarez e Passos, 2009).

Esse conhecimento pode ser trazido à tona justamente pela frequentação do espaço. Assim, apesar do espaço ser um território interdisciplinar de investigação, a prática do arquiteto sempre demandará uma interrogação sobre a sua complexidade, diante da experiência humana que se assenta sobre ele. Nesse espectro, toda racionalidade linear precisa ser substituída por uma instabilidade interpretativa. Então, em nosso entendimento, isso significa assumir que, nos dias de hoje, para se pensar o projeto, é preciso que as linguagens do espaço sejam mais bem decodificadas. Um desafio que nos lança a enfrentar o espaço contemporâneo como um *locus* de alteridades. E essa condição de embate pressupõe sua visibilidade, do ver reflexivo, que não partirá de uma visão totalizadora, ou imposta por um modelo determinista, mas, do que pode ser revelado pela diversidade dos imaginários. Um raciocínio associativo que busca arquitetar com os olhos da mente (Peirce, 1978).

Há aqui, portanto, uma ruptura epistemológica com a tradição dos ateliês de projeto, já que não sabemos o que vamos projetar antes de ir a campo. Nessa proposta, tudo se constrói a partir das relações, ou seja, da convivência no próprio lugar e abertura ao Outro. Isso se opõe às visões programáticas que tentam homogeneizar o mundo. Assim, vamos entrar em uma seara das coisas que não são dadas à vista. Elas se compõem no encontro com as comunidades pela multiplicidade, interdependência e

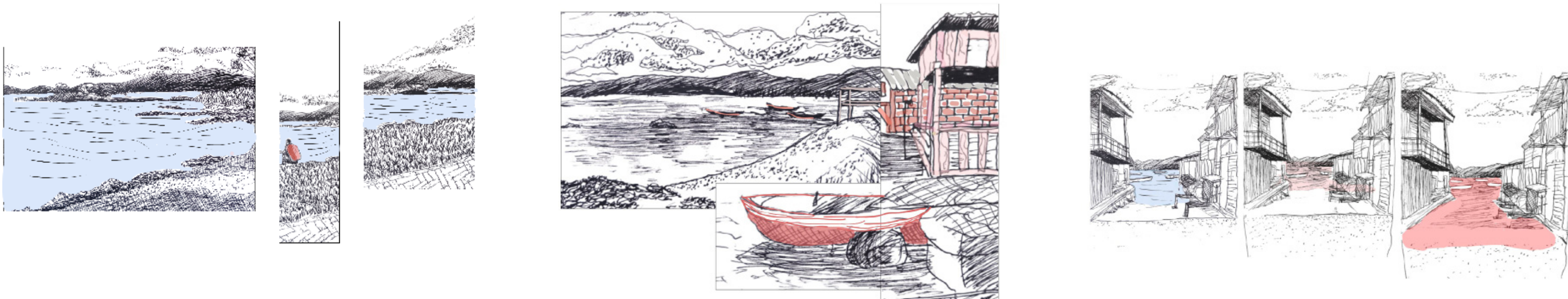
diferença. Nessa esfera, a sala de aula do curso acadêmico atravessa as paredes da Universidade e destoa da defesa em favor do ensino por meio das telas. Assume o espaço aberto, democrático e irrestrito como seu *modus operandi*. Somente assim, o ateliê nômade pode supor sua própria desregulação; principalmente, ao deixar de vislumbrar uma imagem a *priori* do que será o projeto, passando a experimentar o seu destino com os outros: uma prática artística, política, afetiva e insurgente. Nesse âmbito, a nossa ideia esboça o seu *corpus* em uma Poética da Relação (Glissant, 2021), talvez, capaz de atualizar o sentido do nosso ofício

Nesse âmbito, sob o signo de um olhar ambulante e multissensorial, a produção de registros infográficos, age em favor de uma descoberta heurística, daquele que faz a experiência do lugar. Nesse ponto, a teoria e a prática disciplinar da nossa ciência social aplicada se entrecruzam e somam-se na trajetória de ensino nômade na Ilha de Santa Catarina.<sup>6</sup> Assim, os desenhos de memória, observação e criação, os quais são produzidos por meio da frequentação do espaço, revelam talento artístico de uma das alunas e associações potentes, que já contém, em si, forte cognição projetual. São passagens de uma coisa à outra, em um jogo relacional (Valery, 1998).

Na paisagem da Ponta do Coral, tal como num rizoma, a pesca artesanal, a influência das marés, as histórias de pescador e os ranchos de pesca se relacionam entre si como vasos comunicantes. Uma interdependência que deve ser convidada a um outro destino; um fazer que pode se dar pelo encontro, escuta e travessia, para que possa produzir atravessamentos em nós mesmos e nos outros. Portanto, a ideia do raciocínio projetual ancorado na filosofia da Relação, nos serve como um contraponto possível a uma pedagogia de projeto calcada na filosofia da Razão. Além disso, nos incita a uma cosmovisão capaz de reposicionar o ser humano no seu meio ambiente, refutando um viés colonialista sobre a cultura do Outro (Krenak, 2023), que sempre fez tábula rasa daquilo que era diferente.

<sup>6</sup> É importante recuperar relatos da nossa prática nômade de ensino-aprendizagem no artigo da Revista Risco (Fiorin, 2022) e em uma entrevista, por ocasião da coletânea Caminhografia Urbana, organizada por: Eduardo Rocha e Paula Pereira Del Fiol (Fiorin, 2025). Estes textos descrevem os trabalhos que realizamos nas disciplinas das primeiras fases do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Nesse sentido, o recorte que apresentamos aqui, está agora localizado no final do curso, já com a presença de alunos mais maduros. Sendo assim estamos, pedagogicamente, buscando uma espécie de continuidade, mas, às avessas; ou seja: um desprojetar de trás para a frente.





No ateliê nômade, o futuro arquiteto deixa de confiar nas certezas e se abre à dúvida, permitindo-se guiar pelas experiências, em uma acumulação de dados sobre essas territorialidades à beira d'água. Dessa maneira, este trabalho explicita alguns desses processos, não se atendo aos resultados de um projeto em si. De tal sorte, trazemos à luz aqui, àquela informação gráfica e textual entrelaçada à experiência do lugar (Bio-Rizoma). Caminho que subentende uma ciência nômade, que se deixa configurar pelo ato de deslocamento, tanto pelo desenho, como pela escrita, produzindo conhecimento em nome das intensidades que nos afetam na Ponta do Coral, revelando algumas maneiras de ser e estar no território (Deleuze e Guattari, 1997).

#### A Pesca Artesanal e a Ponta do Coral

O processo de ocupação da antiga Desterro foi sendo feito nas suas áreas litorâneas, principalmente na porção sul, para proteger a pequena vila dos possíveis ataques estrangeiros que ameaçassem a presença maciça da coroa portuguesa. Quando da imigração dos colonos vindos da Ilha da Madeira e dos Açores, com o objetivo de aumentar o povoamento, houve um maior incremento de sua interiorização. Mesmo assim, o novo mundo era desconhecido para esses imigrantes, o cultivo agrícola teve de ser adaptado e a sua cultura foi sendo moldada aos modos de vida peculiares às condições de subsistência da Ilha de Santa Catarina. Nesse caso, a produção de farinha de trigo foi trocada pela mandioca e a pesca artesanal e manufatura de renda de bilro se tornaram algumas das principais atividades econômicas de um processo de ocupação estratégica (Conceição, 2014).

Quando os açorianos chegaram, os povos originários já retiravam os peixes do mar usando as canoas de um pau. O intercâmbio de conhecimentos levou às melhorias, especialmente dessa embarcação, já que os imigrantes eram hábeis na construção naval. As redes de pesca incrementadas pela colonização açoriana são também uma contribuição para o saber ancestral. A população desse arquipélago europeu trouxe consigo técnicas de pesca, as quais foram adaptadas ao ambiente local. De algum modo, apesar dos ranços ligados à ideia de colonização, podemos pensar em uma hibridação das práticas. Isto dito, vale apontar que a própria herança cultural açoriana foi invisibilizada pela lógica urbanística moderna e, mais recentemente, vem sendo apropriada como representação mercadológica (Silva, 2016).

Na Ilha de Santa Catarina as comunidades pesqueiras se formaram como o resultado da expansão de sua atividade ao longo das áreas oceânicas e das margens dos rios.

Historicamente, esses pescadores têm as suas raízes na presença de grupos que se estabeleceram anteriormente, principalmente, em regiões de influência dos corpos d'água, aproveitando os recursos pesqueiros abundantes e a proximidade com as rotas de transporte e comércio. Ao longo de décadas, algumas habilidades foram sendo aperfeiçoadas e transmitidas de geração em geração, tornando-se parte da identidade dos pescadores da região. Uma das técnicas mais tradicionais é a pesca de arrastão, onde redes são lançadas ao mar e puxadas por grupos de pescadores, principalmente, na época da pescaria da tainha – uma tradição enraizada na cultura local. Esse método é muito conhecido pela colaboração comunitária, em que várias famílias participam do processo da pesca artesanal (Rode, 2025).

Nesse sentido, as comunidades tradicionais geralmente compostas por pescadores e familiares desenvolveram modos de vida adaptados às condições específicas das paisagens costeiras. Uma espécie de micropolítica das ações diárias, manifesta na partilha de saberes sobre a influência das marés e os ciclos dos peixes; e na manutenção dos ranchos de pesca e solidariedade entre famílias que enfrentam a precariedade habitacional e insegurança alimentar. Esses costumes cotidianos estabelecem uma tradição que se retroalimenta e avança, de maneira renovada, construindo uma rede de apoio mútuo e de resistência cultural que desafia as lógicas hegemônicas de desenvolvimento urbano. Além do quê, eles mantêm uma estreita relação com o meio ambiente configurando processos sutis e as práticas diárias de criação de modos de existência relacionados à vida no litoral, como as possibilidades de ativar os microagenciamentos de singularização (Guattari e Rolnik, 1996).

A relação entre a pesca e o desenvolvimento econômico sustentável da cidade de Florianópolis está intrinsecamente ligada à preservação das áreas naturais, como a Ponta do Coral. No século XVIII, o terreno pertencia à Marinha, servia como ponto de vigia no complexo sistema de defesa da Ilha. Funcionava como uma espécie de quintal das Casas de Chácara do Bairro da Agrônômica, ao absorver atividades ao ar livre de maneira irrestrita. Localizada em uma área privilegiada da Baía Norte, hoje representa um ponto estratégico para a atividade de pescadores com seus ranchos formalizados e, também, famílias que vivem ali e tiram parte do sustento do pescado. Além disso, é um espaço público por natureza. Sua paisagem é um bem coletivo que precisa ser preservado: um promontório – como parte do maciço rochoso do Morro da Cruz (Silveira, 2005).

Em face às comunidades tradicionais que se desenvolvem e subsistem do mar na Ponta do Coral, no início do século XX, surgiram estruturas modernizantes na orla da

Figura 4 - Desenhos: A Pesca Artesanal (Salines, 2025).





capital catarinense, muitas delas construídas para engendrar melhoramentos para a navegação, tendo em vista um processo embrionário de sua industrialização<sup>7</sup>. Dessa empreitada naval surgiram estaleiros para manutenção e construção de barcos, as fábricas de pregos para os consertos e as áreas específicas para abastecimento de combustível das embarcações e os depósitos de óleo (Fiorin et al., 2024a).

Dentre o conjunto patrimonial de edificações marítimo-industriais, estão os Depósitos da Standard Oil Company, construídos durante os anos 1929 e 1930, justamente, na Ponta do Coral, para que ficassem distantes da área central. Entretanto, a proibição dessas atividades pela prefeitura na zona portuária, logo se estenderia para a região da Baía Norte, por conta da ampliação do perímetro urbano. Com a sua desativação, foi utilizado, dos anos 40 até a década de 70, para algumas atividades de um Abrigo de Menores. Porém, depois de suposto incêndio criminoso, sobraram alguns alçados que, por algum tempo, foram sendo apropriados pela população como superfícies para grafites e um território provisional. Esse reaproveitamento informal reativou o território, não no sentido de revitalização, mas, nas linhas de fuga do arquiteto e sua máquina de guerra nômade (Fiorin, et. al, 2024b).

<sup>7</sup> A posição geográfica da cabeceira da Ilha de Santa Catarina, protegida do vento sul se moldou, durante o final do século XIX, como a localização mais propícia para que o imigrante alemão Carl Hoepcke estabelecesse ali o trânsito de barcos que fariam a ligação da antiga capital Desterro com o continente, antes da construção da famosa Ponte Hercílio Luz. Este empresário foi importante no processo de industrialização, porque no ano de 1895 fundou a chamada: Empresa Nacional de Navegação Hoepcke. A companhia que, além de viabilizar fretes mais acessíveis para as mercadorias, vislumbrou uma oportunidade de impulsionar o transporte marítimo de passageiros. A visão empreendedora desse personagem emblemático gerou um certo desenvolvimento econômico da região, trazendo novas oportunidades para o comércio e para a indústria na Ilha de Santa Catarina. Nesse sentido, teve um papel pioneiro na navegação e contribuiu para uma consolidação do porto e crescimento da economia local (Reis, 1999).

Muito por conta disso, no final da década de 1990, essas antigas ruínas, à revelia de preservação, foram demolidas, restando apenas alguns alicerces e os pontaletes do antigo trapiche, que servia para atracamento dos barcos petrolíferos. Apesar dessas decisões que ceifam as faces mnemônicas de uma cidade plural, a proeminência do vazio da Ponta do Coral, capaz de acolher diversas formas de ocupação, pode ajudar a recontar a cultura do espaço. Isto porque, traz à tona a invisibilidade dos resquícios da indústria do petróleo frente à biodiversidade marinha e, também, as tentativas de apagamento das lutas de comunidades tradicionais ligadas à pesca artesanal, diante de interesses imobiliários do projeto da paisagem natural como mercadoria.

## A Influência das Marés e as Singularidades

O oceano pode ser entendido, por si, como conceito chave para a Relação. Lugar de fluxos, espaço liso, não colonizável, máquina desterritorializante para o pensamento nômade, em incessante desconstrução e reconstrução. A força gravitacional da Lua, os ventos e as ondas determinam retrações e alargamentos, configurando fronteiras que se dissolvem e redesenham a geografia em um ritmo singular. À beira-mar a vida pulsa de forma relacional; nada aqui é fixo: seres, territórios e memórias precisam se adaptar constantemente às energias das águas. Nesse sentido, a Ponta do Coral representa uma resistência ao ordenamento estatal e ao estriamento da indústria imobiliária, porque é sempre comandada pela influência das marés. Nesse contexto, as comunidades tradicionais que vivem da pesca artesanal conhecem perfeitamente o seu funcionamento - parte de um saber ancestral.

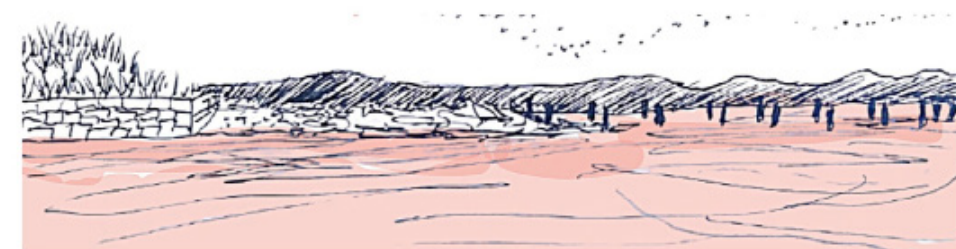
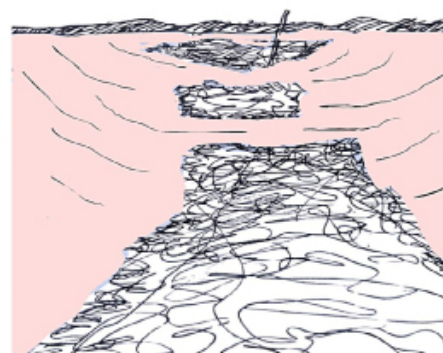
Na maré alta, quando tudo é mar, podemos enxergar pouco do relevo. Durante as ressacas, percebemos que ali existem corais e uma rica vida marinha. Muito embora, olhar desatento não é capaz de ver estas formações aquáticas, porque apenas ficam visíveis durante a chamada maré morta; esta que, não se mantém por muito tempo. Nesses momentos, a Ponta do Recife se revela: um caminho de corais fica à mostra conformando espécie de trilha sobre as águas. Habitando esse território existencial pudemos presenciar as mudanças das marés e caminhar sobre essas formações e conchas que, frequentemente, estão submersas.

Desde aí foi onde se descortinou o anti-território. Não é nem terra, nem mar; é um entre-lugar. Uma potência do devir que cria territórios sem ocupar ou dominar apenas por algumas horas, fazendo existir, repentinamente, projetos de trajetos que o mapa não prevê. Singularidades ou nós de intensidade que geram novas relações de vida. Acontecimento que reorganiza o complexo sistema: natural, social, político e afetivo reconduzindo a prática artística e projetual.

Os desenhos revelam um pouco desse lugar da Relação. No recife, desde dentro do mar, podemos observar paisagens nunca vistas, justamente, porque invertermos a nossa posição. Frequentemente damos as costas para a cidade de Florianópolis, já que o horizonte sempre nos chama mais atenção. As várias camadas do território da Ilha de Santa Catarina, não podem ser ignoradas. No pano de fundo, os casebres dos que vivem no maciço do Morro da Cruz têm, como contraponto, os edifícios da Avenida Beira-Mar Norte. Justaposição que escancara desigualdades presentes nas cidades brasileiras, como afiança as teorias da geografia de Santos (1994).

Em primeiro plano, o vazio da península da Ponta do Coral, demarcado pelas ruínas dos antigos depósitos de combustível e restos de um velho trapiche. Uma paisagem natural composta de várias camadas de tempo. Palimpsesto que se compõe pelos ranchos de pesca artesanal formalizados e pelos espalhados pelo platô (como erva daninha que brota do chão por entre fios de água): a complexa disposição espacial





da comunidade de pescadores informais. Construções que se coadunam em um jeito próprio de ser e estar no território. Um disparador de novas diferenças no lugar-do-entre. As singularidades processadas não como as imagens decantadas, mas, como um imaginário capaz de instigar uma inteligência arquitetônica.

Mesmo que essa ocupação evidencie as nossas mazelas, não deixa de ser potência espacial que deve produzir uma reflexão sobre uma necessária rebeldia aos “tipos” que caracterizam nosso campo disciplinar no espaço estriado. Nesse sentido, toda essa espacialidade contribui para o entendimento de que o ecossistema da Ponta do Coral deve permanecer como um espaço de reserva. E o que constantemente pode parecer um lugar abandonado, pronto para ser apropriado pelos interesses rentistas, na verdade, se conforma como um local da ordem, ou do caos necessário, muito em acordo, com o manifesto da terceira paisagem de Clement (2004).

Um lugar para as relações improváveis. Por entre a comunidade pesqueira, que se assentou no pouco que restou da geografia natural da Baía Norte, surgem as partes de uma cidade marítimo-industrial exaurida, que agora se reavivam pela vitalidade da imprevisibilidade dos usos. A antiga viga baldrame da fundação dos depósitos de óleo e os restos de tijolos, do que antes era uma parede, servem como bancos para aqueles que vêm vislumbrar a paisagem. Em cima dessas estruturas resistentes às forças das marés, todos podem se sentar para re-conhecer a imensidão do mar como vastidão do espaço liso, não colonizável. O vento no rosto, o som das ondas, o cheiro do oceano e os respingos de água salgada reativam nossos sentidos. E a ênfase do olhar pela visualidade pode ser subtraída em favor da visibilidade que se constrói a partir dessa experiência singular.

### As Histórias de Pescador e a Vivência das Humanidades

Ao habitar um território existencial, adentramos em suas entranhas pelos passos acurados que guiam o caminhar como prática estética (Careri, 2013). Nesse caso, também estamos sujeitos, de certo modo, a uma invasão da vida dos Outros. Mesmo que esse encontro seja consentido, todos têm o direito, igualmente, de permanecer na opacidade, como nos ensina a poética da relação. Não por acaso, os pescadores artesanais dos ranchos formalizados da Ponta do Coral sofreram muitas tentativas de terem sua territorialidade usurpada, diante dos sucessivos embates com: o poder público municipal; a polícia federal (que estudava o local para ser sua base terrestre,

aquática e aérea); e empreendedores imobiliários (interessados no projeto do hotel de luxo). Sendo assim, desenvolveram certo rechaço com qualquer curioso que se aproxime.

No nosso caso não foi diferente. Quando puxamos conversa, um pescador artesanal disparou: “*Cachorro mordido por cobra, tem até medo de língua*”. A fala de matuto, em tom sarcástico, demonstra uma desconfiança em estreitar vínculos. Aos poucos, depois de uma frequência nas visitas ao local, conseguimos uma certa abertura e, assim, pudemos escutar algumas histórias de pescador. Elas recuperam memórias de quem nasceu nas cercanias do lugar. Algumas recordações que eles ainda têm do tempo passado, quando ali existiam atividades relacionadas ao Abrigo de Menores.

Reportam lembranças singulares sobre esse contexto, onde havia: horta, criação de suínos para abate e partidas de futebol. Definem a toponímia de onde se localizavam os primeiros ranchos de pesca artesanal, antes mesmo da construção das pistas da via expressa. Discorrem sobre a ocupação da Ponta do Coral, como alternativa para manutenção do seu ofício, isso por consequência da construção do aterro da Avenida Beira-Mar Norte. É certo que, em todos os momentos, deixam claro uma forte ligação que mantêm com sua territorialidade desde a infância, demonstrando o arraigamento ao lugar. Muitos destes ranchos de pesca artesanal são documentados e passam de pai para filho, de geração em geração, por isso os chamam de formalizados.

Apesar do jargão corrente de que as histórias de pescador são sempre exageradas ou fantásticas, as desses pescadores artesanais nos ressoam, mais, como narrativas de empoderamento. Reafirmam o direito à existência de uma atividade secular, que resiste aos processos de modernização, em uma área cobiçada por interesses públicos e privados. Mesmo porque, há conflito real nesse local e a manutenção de atividades pesqueiras artesanais nessa região são o maior desafio, pois todos sabem o valor da terra onde esses pescadores formais e informais estão assentados - um dos metros quadrados mais caros do país.

Quanto à forma de contar as histórias, por conta das diferentes expressões, também são divergentes. Isto porque, carregam uma vivência, se distanciando da linguagem científica presente nas referências acadêmicas e nos discursos da imprensa falada e escrita. Nesse sentido, ao lado dos companheiros de pesca, a informalidade dá o tom da conversa; mais que amigos, afetuosos e brincalhões entre si, se consideram uma família. Esses laços afetivos são o que há de mais importante nessas narrativas que

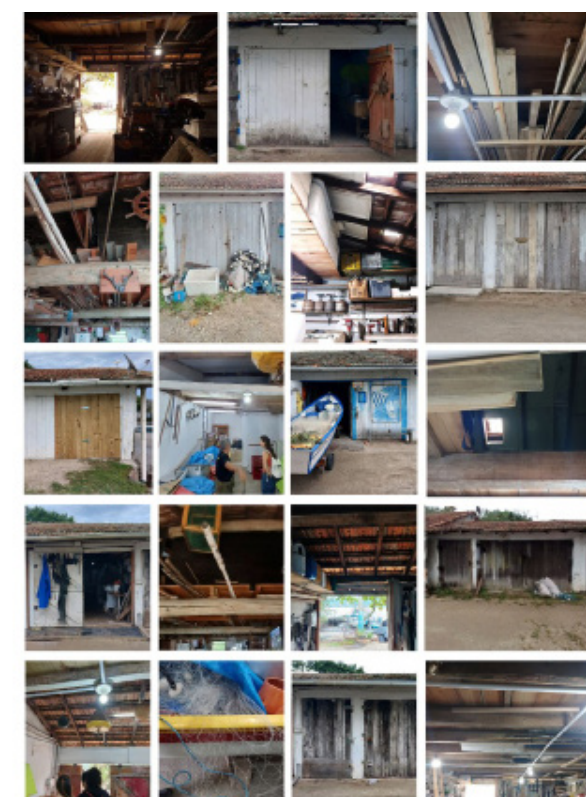
Figura 6 - Desenhos: Caminhando nos recifes na maré morta, Ponta do Coral (Salines, 2025).





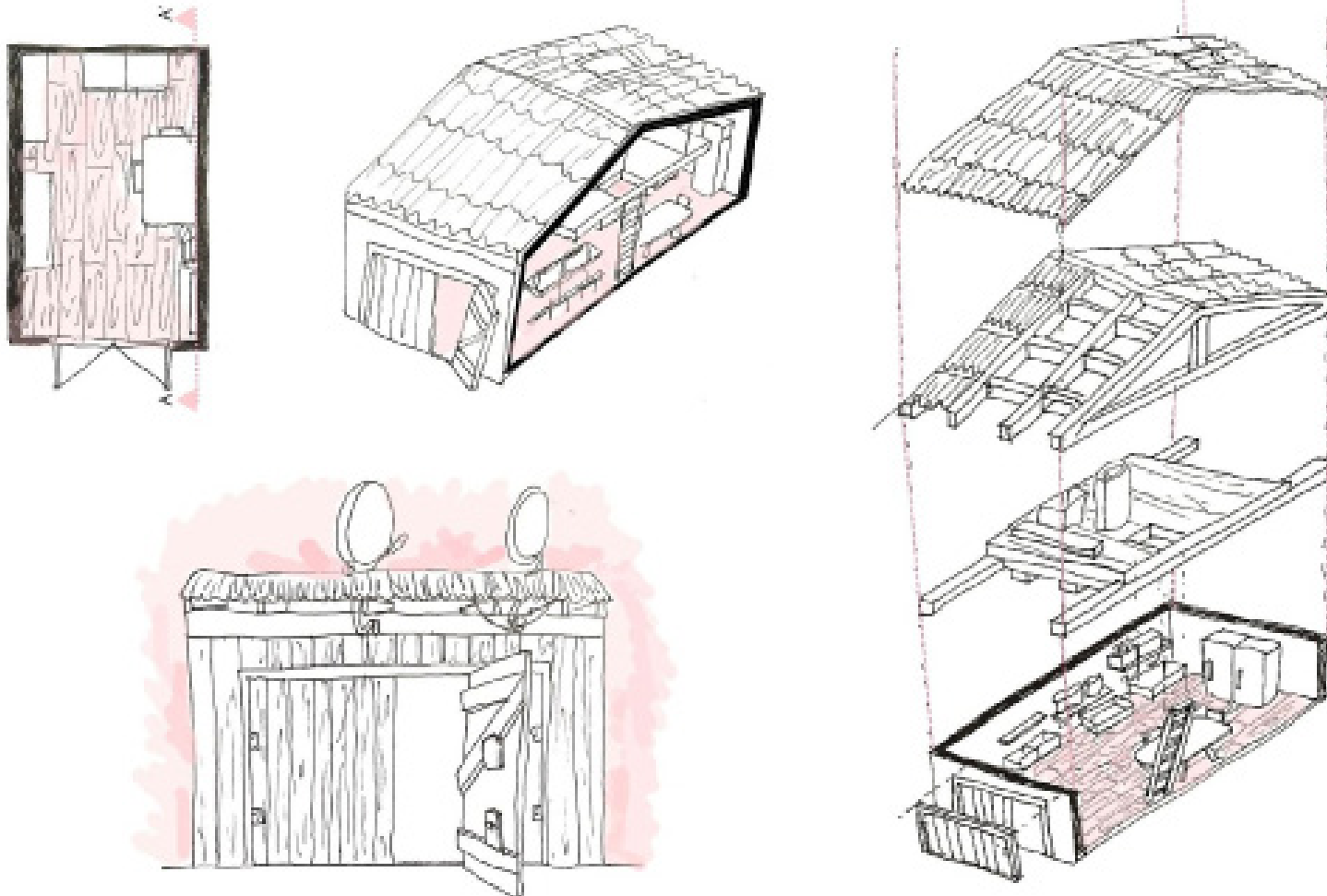
podemos escutar, mesmo que tenham sido um pouco alteradas pelo receio em falar com estranhos.

A transmissão da informação por meio da oralidade pode ser entendida, portanto, como uma forma de manutenção de um saber ancestral. Porém, não mais como um tesouro que deve ser preservado, mas, como uma forma de comunicação sempre em movimento. Ela é ativadora das tradições, ao mesmo tempo em que se inscreve nas relações de poder, da territorialidade e da força para resistência. Dessa maneira, estes pescadores artesanais usam a oralidade, justamente, como sábia ferramenta para a descolonização do pensamento, contrapondo-se a um tipo de conhecimento *strictu sensu*, como apontam os escritos sociológicos de Cusicanqui (2010).



Essa cultura de singularidades exige mais do nosso respeito às humanidades no ato projetivo, pois, se afasta daquele modelo único e homogêneo que os progressistas nos descreveram, afirmando-se nas diferenças. Na Ponta do Coral as narrativas se definem pela realidade do lugar e pelo tempo dos acontecimentos, ao contrário dos ecos da Carta de Atenas. São falas que nos ajudam a entrever: uma geografia que não é dada à vista; o engajamento político dos pescadores artesanais; as relações afetuosas entre os colegas e o ofício; além de um carácter combativo na defesa do pedacinho de mar. Tais relatos são libertários e, sobretudo, essas práticas de espaço produzem travessias e atravessamentos, sem que tivéssemos precisado caminhar, como descrito na filosofia da invenção do cotidiano de Certeau (1998).





### Os Ranchos de Pesca e a Densidade das Existências

Como já apontado anteriormente, os ranchos de pesca artesanal formalizados que, atualmente se assentam na Ponta do Coral, se ergueram durante a segunda metade do século XX. Foram deslocados da extensa faixa litorânea que se conformou como o aterro para que a Avenida Beira-Mar Norte se configurasse. Mesmo que pese esse debate, não vamos nos ater a ele aqui, pois já sabemos o preço dessa destruição de contextos tradicionais em nome dos processos de modernização e da promessa de progresso.

De acordo com a afirmação dos pescadores artesanais dos ranchos documentados, a grande maioria tem sua posse porque eles já existiam nas redondezas ou, viviam por perto pescando e extraíndo frutos do mar. Há uma determinação municipal em vigor que restringe o aspecto construtivo que estas edificações têm de manter para serem consideradas como tradicionais e, assim, ser concedida sua autorização para permanecer erguida próxima da praia. Devem ser constituídas por troncos roliços de madeira dispostos de uma maneira vertical e não conter áreas de higiene pessoal, as quais possam caracterizar como uma moradia. Entretanto, muitos desses ranchos de pesca formalizados são hoje de alvenaria, muito por conta dos roubos frequentes, talvez, facilitados pela estrutura pouco resistente e à necessidade de demarcar um território evitando o seu despejo ou desocupação.

De outro modo, precisamos delinear que, a cultura arquitetônica deste tipo de edifício à beira-mar, sempre esteve ligada a uma existência temporária. Um rancho de pesca artesanal pode ser desmontado e reconstruído conforme a influência das marés e as mudanças de estações do ano, com espaços fluidos de convivência que se adaptam ao ritmo da pesca da tainha, por exemplo. O seu material, quase sempre, pode ser obtido na vizinhança, ou é oriundo do reuso, mesmo porque, a força das ondas pode varrer do mapa a pequena edificação em um momento de vendaval ou ressaca. Esse caráter efêmero da construção faz com que precise ser constantemente consertada

e, vez ou outra, pode mudar um pouco de lugar. Nomadismo construtivo que põe em teste o conceito de *firmitaz* vitruviano. Uma condição que faz de qualquer pescador um exímio conhecedor dos processos construtivos e do fazer artesanal; isto é o “*que constitui o valor dessa produção, sua poética das coisas humanas não gratuitas*” (Bo Bardi, 1975).

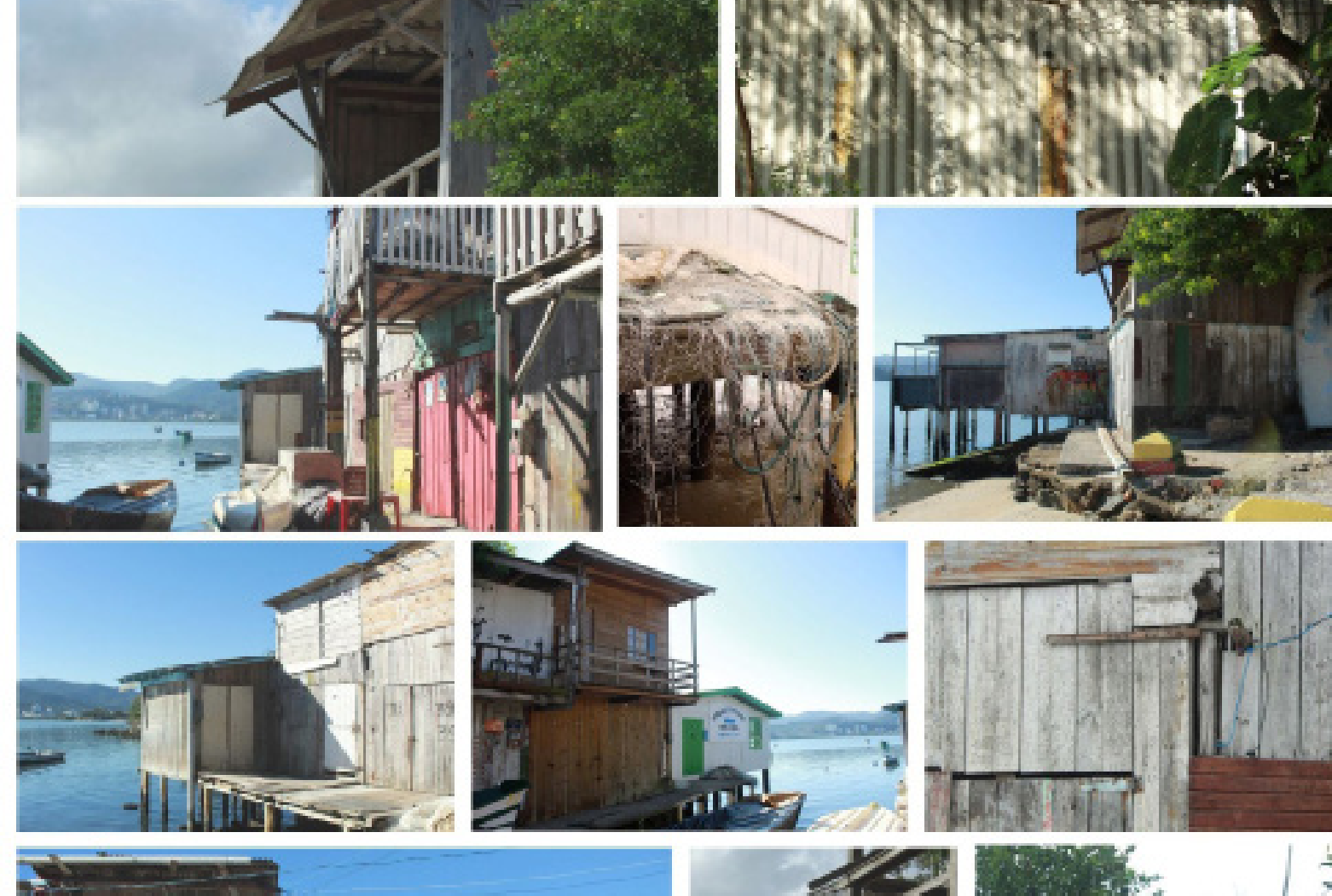
Essa capacidade criadora torna cada rancho de pesca um reduto de descobertas de ordem tectônica. Guarnições são criadas para proteger dos ventos fortes, aparatos servem para pendurar tralhas de pesca e encaixes minuciosos revelam a beleza das vigas de madeira que sustentam o sótão; compartimento que serve para guardar tudo. É um caos organizado, onde podemos encontrar, inclusive: as redes de pesca. Estas tramas, conservam consigo uma sabedoria centenária. A rede feiticeira é uma dessas preciosidades. Um pano de rede composto por diversos tamanhos de malha, serve como espécie de equipamento manual de triagem inteligente, para pesca de peixes maiores ou menores. Assim, cada um desses ranchos de pesca é denso como um oceano em seu interior. Neles, cada pescador artesanal trabalha para manter o saber ancestral.

Quanto aos ranchos informais da Ponta do Coral, estão entremeados no rio, na terra e no mar. Uma ocupação de dezenas de construções que não seguem regra edilícia, se espalhando pelo meio da península. Há pescadores, migrantes, imigrantes vindos do Haiti. Uma hibridação que se processa em nível social e espacialmente, na forma de ocupação inventiva. Estão organizados politicamente por meio de uma associação, enquanto o desenho da comunidade permanece em devir. De certo modo, eles têm sido hábeis em negociar com os interesses públicos e privados nesta área. Por sorte, as construções têm tido a mesma habilidade em se equilibrar sobre a terra e a água. Assim, em ambas as situações temos bons exemplos de insurgência e resiliência.

Aliás, cabe nos atermos a estas questões um pouco mais. Muitos dos laços de afeto existentes entre essas pessoas são costurados para subsistência, do mesmo modo que as suas casas são feitas de pedaços. E não se trata de exaltarmos aqui, àquela narrativa piegas sobre a reutilização de materiais, que vem junto com o discurso de sustentabilidade. Isto porque, estas construções são criadas dos restos da sociedade de consumo conspícuo, a qual estamos fadados. Ela que nos colocará em risco, se não pensarmos em algo rapidamente, diante da iminente escassez e dos limites de recursos do nosso próprio planeta. Diametralmente, estas comunidades têm tentado sobreviver frente às mazelas, criando algumas redes alternativas de convivência que buscam escapar, do jeito que podem, à lógica de destruição capitalista. Um contexto em que não há mais espaço para as antigas utopias. Onde a insurgência deriva dos meios possíveis para subverter as regras do jogo; e a resiliência advém como um modo de sobreviver em um mundo ditado pelo capital. Entrever os remendos desse panorama esgarçado em que vivem, pode ser o nosso primeiro passo para uma outra costura, como salientam os estudos antropológicos mais recentes de Tsing (2025).

Nesse sentido, além da invenção estético-construtiva, essa comunidade dos ranchos de pesca informais da Ponta do Coral pode nos ensinar algumas das melhores lições de arquitetura. Isto porque, nos fazem conhecer um saber ancestral que vai além da tradição. Ele não está guardado como um tesouro, se transforma e se atualiza, pois, se hibridiza, possibilitando uma desindividualização da Relação. Habitando esse território existencial podemos descobrir as singularidades de cada uma das portas e janelas, mas, também, de cada morador, em um encontro com o Outro. Assim, essa travessia nos revela uma vivência das humanidades e uma densidade das suas existências. São os atravessamentos que constituem a maior mudança em um jeito de pensar os projetos, talvez, porque alteram o que achávamos que sabíamos sobre nós mesmos e o mundo à nossa volta.





## Referências

ALVAREZ, J; PASSOS, E. Cartografar é Habitar um Território Existencial. In: PASSOS, E; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org). *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 131-149.

ARGAN, G. C. *Projeto e Destino*. São Paulo: Ática, 2001.

BO BARDI, L. Crítica à uma exposição permanente: São Paulo. Entrevista concedida a Leo Gilson Ribeiro. *O Estado de São Paulo*, 19 de julho de 1975.

CARERI, F. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: G. Gili, 2013.

CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CLEMENT, G. *Manifesto da Terceira Paisagem*. Billère: Maison des Editions, 2004.

CONCEIÇÃO, M. L. da. O Porto de Florianópolis: Desenvolvimento Econômico de uma Ocupação Estratégica. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, v. 21, n. 29, 2014.

CUSICANQUI, S. R. *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 05. São Paulo: Editora 34, 1997.

FERRARA, L. D. *Design em Espaços*. São Paulo: Rosari, 2002.

FIORIN, E. Nômades: as práticas errantes no ensino, na pesquisa e na extensão em arquitetura e urbanismo – Por um (re)conhecimento urbano. *Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)*, [S. l.], v. 20, p. 203-222, 2022. DOI: 10.11606/1984-4506.risco.2021.160287. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/160287>. Acesso em: 5 jul. 2025.

FIORIN, E. Re-Conhecer. In: ROCHA, E; DEL FIOL, P. P. (orgs.). *Caminhografia Urbana*. Pelotas-RS: Caseira. 2025, p. 258-269.

FIORIN, E.; PAGLIUSO RODRIGUES, M. R.; LARIVE-LÓPEZ, E. The Landscape of Marine-Industrial Production in Florianópolis. *Mix Sustentável*, [S. L.], v. 10. n2. P. 69-79, 2024a. DOI: 10.29183/2447-3073.MIX2024.v10.n2.69-79. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/mixsustentavel/article/view/7264>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FIORIN, E.; LOPEZ, E. L.; BARROS, V. G. O Arquiteto e a Máquina de Guerra Nômade nas paisagens pós-industriais de Sevilha. *Arqueologia Industrial*, v. VI, p. 40-49, 2024b.

GLISSANT, E. *Poética da Relação*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

KRENAK, A. Krenak pensa a ruína e o futuro das cidades. Entrevista a Romullo Baratto. *Outraspalavras.net*, 2023. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/krenak-pensa-a-ruina-e-o-futuro-das-cidades/> Acesso em: 20 junho 2025.

PEIRCE, C. S. *Collected Papers*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1978.



REIS, S. R. P. dos. *Carl Hoepcke: a marca de um pioneiro*. Florianópolis: Insular, 1999.

RODE, S. M. *Ponta do Coral: redesenho do lugar*. Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo. UFSC, 2025.

SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SILVA, M. A. S. da. Cultura Açoriana no Contexto da Cidade-Mercadoria: Da Invisibilidade à Mercantilização em Florianópolis-SC. *Caminhos da Geografia*, v. 17, n.59, p. 144-161, set. 2016.

SILVEIRA, L. R. M. da. A Defesa de um Espaço Público por Natureza: A Ponta do Coral como Bem Coletivo. In: PIMENTA, M. C. A. de (org.). *Florianópolis do outro lado do Espelho*. Florianópolis: Editora UFSC, 2005, p. 85-102.

TSING, A. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177–201, 2015. DOI: 10.5007/2175-8034.2015v17n1p177. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n1p177>. Acesso em: 10 ago. 2025.

VALÉRY, P. *Introdução ao Método de Leonardo da Vinci*. São Paulo: Editora 34, 1998.

SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.